ISSN 2525-4812 (versão on-line)
ISSN 2238-7641 (versão impressa)
http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/index

Recebido em: 15/5/2022
Aceito em: 20/9/2022
Período de publicação: 2024

**Revista Terceira Margem Amazônia**
(v. 11 • n. 23 • 2024)

**Como citar o artigo:**

LEAL, G. K. S.; SCHLINDWEIN, L. M.; MARCHÃO, L. C. Brincadeiras, narrativas e a imaginação das crianças ribeirinhas da comunidade do Limão de Baixo, Parintins-Amazonas-Brasil. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 11, n. 23, p. 27-37, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2024v11i23.p27-37.

# BRINCADEIRAS, NARRATIVAS E A IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DO LIMÃO DE BAIXO, PARINTINS, AMAZONAS, BRASIL

*Gyane Karol Santana Leal*[1]
*Luciane Maria Schlindwein*[2]
*Leuzeny Corrêa Marchão*[3]

**Resumo**: Este trabalho tem por objetivo analisar as brincadeiras das crianças ribeirinhas por meio das suas narrativas e expressões gráficas. Na infância, as brincadeiras ocupam um lugar de destaque e são oriundas da ação imaginativa e criadora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujos sujeitos foram as crianças na faixa etária de 9 a 11 anos. As brincadeiras infantis foram analisadas a partir dos desenhos e narrativas das crianças considerando seus saberes e contextos de vida. A relação da criança com a natureza no que se refere as mudanças dinâmicas de subida e descida das águas contribuem com a imaginação e atividade criadora e se refletem nos seus modos de viver e de brincar. Elas se adaptam às mais diversas situações de seu cotidiano, dando sentido ao brincar e viver a infância naquele espaço geográfico. Este estudo mostra que os aspectos sociais e culturais se expressam nas formas de vida das crianças ribeirinhas por meio de suas brincadeiras.

**Palavras-chave**: brincadeiras, narrativas, imaginação, crianças ribeirinhas.

## GAMES, NARRATIVES AND THE IMAGINATION OF RIVERINE CHILDREN OF THE LIMÃO DE BAIXO COMMUNITY, PARINTINS, AMAZONAS, BRAZIL

**Abstract**: This work aims to analyze the games of riverine children through their narratives and graphic expressions. In childhood, games occupy a prominent place and are derived from imaginative and creative action. This is a qualitative study whose subjects were children in the age group of 9 to 11 years. Children's games were analyzed from the children's drawings and narratives considering their knowledge and

[1] Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CESP); pesquisadora do Grupo de Pesquisa Infância e Educação no Contexto Amazônico (Gepiecam/UEA) e do Grupo de Pesquisa e estudos Vigotskianos (GECRIARP/UFSC).
E-mail: gyanekarol26@hotmail.com
https://orcid.org/https:/0000-0002-4324-3796

[2] Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); líder do Grupo de Pesquisa e estudos Vigotskianos (GECRIARP/UFSC).
E-mail: lucmas@uol.com.br
https://orcid.org/0000-0003-3463-2746

[3] Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CESP).
E-mail: leuzeny.marchao20@gmail.com
https://orcid.org/https:/0000-00002-4178-2155s

the context of their lives. The relationship with nature and with the dynamic changes of the rise and fall of the waters populated the children's imagination. They adapt to the most diverse situations of their daily lives giving meaning to play and living childhood in that geographical space. This study shows that the social and cultural aspects are expressed in the life forms of riverine children through their play.

**Keywords**: games, narratives, imagination, riverine children.

## Introdução

As brincadeiras são atividades presentes na vida das crianças e são oriundas de sua ação imaginativa e criadora. Na infância, o brincar pode ocupar um lugar de destaque conforme a fase de desenvolvimento da criança. O contexto cultural em que as crianças estão inseridas pode contribuir para que essa atividade ocorra de maneira diversificada.

**Figura 1.** Comunidade do Paraná do Limão de Baixo (período da cheia).



Foto: Leuzeny Marchão, julho, 2019.

Este trabalho tem por objetivo analisar as brincadeiras das crianças ribeirinhas por meio de suas narrativas e expressões gráficas. Para tanto, buscamos subsídio teórico-metodológico na perspectiva histórico-cultural de L. S. Vygotsky.

O estudo foi realizado com três crianças ribeirinhas na faixa etária de 9 a 11 anos da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, no Paraná do Limão de Baixo, em Parintins, AM. A comunidade está localizada no Baixo Amazonas, às margens do Paraná do Limão de Baixo, distante cerca de 5.714 m em linha reta de Parintins, considerando como ponto de partida o porto do Mercado Municipal de Parintins. A comunidade está assentada em uma área de várzea, onde residem 35 famílias, totalizando 103 moradores. A imagem a seguir retrata a sede da comunidade.

O acesso à comunidade é determinado pelas condições meteorológicas, pelo volume das águas dos rios e pelo regime das chuvas. No período das grandes cheias dos rios e lagos amazônicos, o acesso só é possível por via fluvial, e a duração da viagem depende do tipo de transporte utilizado: cerca de 10 min em lancha a jato e 30 min de rabeta[4]. No período da seca, o acesso é possível pela faixa de terra que aparece. Caminhando, o percurso dura em média 2 horas; de bicicleta dura 1 hora; e de motocicleta o percurso é de 30 minutos.

Nesse contexto singular da Amazônia, existem sujeitos/sujeitas que interagem com a natureza, com a flora e a fauna; que influenciam e são influenciados pelas mudanças sazonais típicas dessa extensão territorial do país. Acerca da realidade das populações tradicionais, Fraxe (2007, p. 94-95) argumenta:

[4] Pequena embarcação feita de madeira. Uma canoa com uma máquina localizada na popa movida a gasolina.

> As populações tradicionais não-indígenas na Amazônia caracterizam-se, sobretudo, por suas atividades extrativistas, de origem aquática ou florestal terrestre, onde vivem em sua maioria, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas. Quando as chuvas enchem os rios e riachos, esses inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias que, por sua vez, regula a vida dos ribeirinhos.

As crianças ocupam um lugar de destaque nessa pesquisa. Nesse espaço, não apenas elas, mas também as interações que estabelecem com seus pares e com o seu contexto social e cultural e a floresta amazônica, revelam suas condições de vida.

## Imaginação, narrativas e as brincadeiras das crianças ribeirinhas

A infância no contexto amazônico é diversa. Tratando-se do Estado do Amazonas, é válido dizer que cada criança tem um modo peculiar de viver sua infância, seja nas áreas urbanas ou nas áreas rurais (Leal, 2014, 2019). O contato diário com a natureza, a interação com seus pares e as formas de viver e de brincar das crianças ribeirinhas nos permitem compreender as relações que são estabelecidas nesse espaço geográfico.

Nesta investigação, valorizamos a imaginação e as narrativas das crianças ribeirinhas. Acreditamos que a imaginação é uma característica da vida humana. De acordo com Egan (2007), os seres humanos têm a capacidade de guardar as imagens daquilo que pode não estar presente ou mesmo existir na mente conscientemente, mas essas imagens podem nos afetar como se fossem reais e presentes.

No período da infância, é possível evidenciar como essa atividade mental se desenvolve, pois as crianças têm uma grande capacidade de imaginação. Girardello (2011) define:

> A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita (Girardello, 2011, p. 76).

Podemos dizer que a infância é um campo fértil para a imaginação. Na infância, a atividade criadora se manifesta com mais vigor. O processo de criação, nesse período, se constitui em relevante questão da psicologia infantil, e tais processos são explicitados por meio das suas brincadeiras.

O poder criativo da criança a faz transformar um pedaço de pau em um cavalo e se imaginar cavalgando, se imaginar desenvolvendo um determinado papel social e/ou se transformando em qualquer personagem da ficção ou mesmo da sua realidade. Como afirma Vygotsky (2009, p. 17): "Todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação".

Analisando a brincadeira e o grau de interesse e satisfação por parte das crianças em diferentes fases do desenvolvimento, Vygotsky (2008) comenta que, na idade escolar, a brincadeira começa a existir de forma limitada, por exemplo, em jogos esportivos. Nessa faixa etária, a brincadeira não morre, mas penetra na relação com a realidade. Ela possui uma continuação interna durante a instrução escolar e os afazeres cotidianos (atividades obrigatoriamente com regras).

Na visão de Vygotsky (2009), a imitação é frequente na brincadeira infantil; contudo, é considerada como eco daquilo que as crianças viram e ouviram dos adultos anteriormente nas vivências cotidianas. Essa ideia é evidenciada quando Vygotsky (2009) afirma que:

> A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões, e baseadas nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade (Vygotsky, 2009, p. 17).

Nessa perspectiva, Vygotsky (2009) diz que toda a análise da essência da brincadeira demonstrou que, nela, cria-se uma nova relação entre a situação pensada e a situação real. Pesquisar sobre as vivências de brincadeira das crianças ribeirinhas constitui um trabalho desafiador e, ao mesmo tempo, necessário, pois essa atividade tem um papel fundamental na constituição do psiquismo infantil.

A imaginação e a brincadeira das crianças se misturam ou agregam-se com a narrativa delas acerca de suas vivências. Ricoeur (1995) citado por Girardello (2015, p. 14) diz que a identidade de cada um de nós é sempre um tecido de histórias narradas. Tendo isso em vista e considerando que estamos trabalhando com crianças de comunidades ribeirinhas, essas narrativas ganham uma conotação diferente. Como nos diz Girardello (2015, p. 15): “Pela voz das suas crianças as culturas falam, e as voz dos pequenos é também a voz de suas culturas”. Assim, acreditamos que a imaginação e o brincar são parte da cultura das crianças.

Diante do exposto, podemos considerar que a imaginação e as brincadeiras das crianças ribeirinhas podem ser reveladas mediante suas vozes. Suas narrativas sobre suas vivências e seus desenhos apontam para sua cultura e seus modos de vida nesse espaço singular da Amazônia.

## A travessia: caminhos da pesquisa

Esta pesquisa considera importante os meios e os processos de construção de uma pesquisa em contextos sociais. Os caminhos de uma investigação em ciências humanas são marcados por desafios. Tratando-se de um estudo em contextos singulares, como o amazônico, esses desafios se ampliam. O primeiro deles é o percurso até o campo de investigação.

Na Amazônia, as estradas são os rios. Para chegar a determinados lugares é necessária a utilização de meios de transportes fluviais de diferentes tamanhos e modelos, movidos ou não por máquinas, por exemplo, canoas, rabetas, bajaras, embarcações de madeira, lanchas, balsas, entre outras.

A locomoção até o local escolhido para a realização deste estudo foi feita por uma embarcação denominada de rabeta, com um motor Honda de 14 HP. A travessia foi da Comunidade do Aninga, em Parintins, até a Comunidade do Paraná do Limão de Baixo e durou cerca de 30 minutos em um dia de sol escaldante, em pleno verão amazônico.

Os participantes da pesquisa foram três crianças moradoras da comunidade, todas na faixa etária de 9 a 11 anos. Para a realização de pesquisa com crianças, faz-se necessário atentar para as questões éticas para salvaguardar a integridade delas e garantir seus direitos à participação (Kramer, 2002; Graue; Walsh, 2003; Delgado; Muller, 2005; Leal, 2014, 2019).

Para isso, solicitamos a autorização dos responsáveis legais por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para uso da imagem, utilização de desenhos e depoimento das crianças. A anuência das crianças acerca de sua participação é considerada relevante nesse processo e, mediante o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), elas formalizaram a sua participação na pesquisa. A escolha das três crianças se deu pela proximidade da localização de suas residências e por estudarem juntas na escola da referida comunidade.

Vale ressaltar que as crianças serão identificadas por seus nomes, e suas narrativas serão transcritas de forma fiel às suas falas, embora tenham sido adequadas às normas da Língua Portuguesa, foram respeitadas as expressões típicas da região.

As crianças foram entrevistadas e, na sequência, foi realizada uma oficina de desenho sobre as suas brincadeiras na comunidade em diferentes épocas: na enchente e vazante. Para tanto, fizemos anotações em um caderno de campo, utilizamos um aparelho celular para capturar as vozes e, também, fizemos registros de fotos e vídeos das crianças em seus contextos. As narrativas, as expressões e as impressões gráficas delas serão analisadas na perspectiva histórico-cultural.

## A representação das brincadeiras das crianças ribeirinhas através das narrativas e desenhos

As brincadeiras infantis foram analisadas a partir dos desenhos e narrativas das crianças ribeirinhas considerando seus saberes e contextos de vida na comunidade investigada. Conforme mencionamos anteriormente, solicitamos a autorização das famílias para que as crianças participassem deste estudo, e obtivemos o consentimento da família e das crianças.

Imergimos no campo da investigação no mês de julho. Na ocasião, tivemos a oportunidade de interagir com as crianças e com as famílias. Nesse período, as crianças estavam em férias escolares. O calendário escolar das comunidades localizadas em área de várzea é diferenciado e adaptado às condições locais; sendo assim, o ano letivo tem início no mês de agosto e vai até o mês de maio do ano subsequente.

De maneira amistosa, nos aproximamos das crianças para interagir e tentar compreender suas vivências naquele pequeno espaço da Floresta Amazônica. Visitamos cada uma delas em suas próprias residências. Isso foi bem desafiador, mas foi a maneira mais viável de termos acesso a elas, uma vez que estava na época de cheia e de recesso escolar.

É importante salientar que as comunidades localizadas em áreas de várzea apresentam uma dinâmica diferenciada, a qual é marcada por período de enchente que, atingindo o seu ápice, denomina-se "cheia", e a "vazante", quando os rios vão secando até que os leitos fiquem completamente secos.

Para conhecermos as condições de vida e as brincadeiras infantis de uma realidade específica da Amazônia, escolhemos os desenhos por se constituírem formas de comunicação infantil nos mais diferentes contextos de vida das crianças. Sarmento (2011) argumenta que eles são decorrentes de processos culturais provenientes de aprendizagem de regras de comunicação e dependem intensamente das oportunidades e das condições que são propiciadas às crianças. Por meio da comunicação, os desenhos são capazes de delinear os conteúdos e as formas de suas expressões gráficas.

**Figura 2.** Brincando de futebol na comunidade.



Foto: Otávio Henrique (9 anos).

Acreditamos que o desenho pode ser uma maneira de identificar as brincadeiras infantis no contexto investigativo. Com isso em mente, solicitamos às crianças que desenhassem as suas brincadeiras no papel A4, ficando a seu critério colori-lo ou não. Após desenharem, elas expressaram verbalmente suas impressões gráficas e isso foi transcrito na pesquisa. O desenho da Figura 2 foi produzido por Otávio Henrique, de 9 anos, e retrata sua vivência e o brincar na comunidade.

> Otávio Henrique: — Eu jogando a bola e o meu amigo e menina que jogava com nós, e mais um menino grande que já foi para Manaus estudar. Esse campo de futebol é aqui na frente. Esse é o céu e as nuvens. É no pôr-do-sol que a gente jogava. O goleiro era o Carlos, eu sou esse que está com a bola, a menina Ana Clara e o outro é o Eliandro (Entrevista, 2019).[5]

Os jogos de futebol são bastante apreciados nas comunidades rurais da Amazônia. Em torno desse esporte, os adultos fazem torneios e realizam competições entre os times das comunidades próximas, especialmente em ocasião das festas dos padroeiros da comunidade. Dutra (2013) enfatiza que o jogo de futebol promove o entrosamento entre as crianças, além de lhes propiciar momentos de sociabilidade.

Coincidentemente, Barros (2014) discute a dinâmica dos jogos de futebol em sua pesquisa de mestrado realizada nessa mesma comunidade. Adultos e crianças se mobilizam em torno dessa atividade. "Os jogos na categoria infantil são organizados uma vez ou outra e, geralmente, são organizados em metade do campo oficial onde jogam os adultos. É uma atração em que os pais se divertem junto ao torcerem pelos seus filhos" (Barros, 2014, p. 41).

[5] Entrevista de pesquisa concedida em 20 de março de 2019, na comunidade localizada em Paraná do Limão de Baixo, em Parintins, AM.

Desta forma, percebemos as relações que vão se estabelecendo entre as crianças e seus pares na convivência comunitária. É possível notar, na Figura 3, a sensibilidade infantil ao dizer que a atividade ocorre ao final do dia, ou seja, no pôr do sol, como sendo o horário mais propício para a realização dela.

A presença de uma menina na brincadeira precisa ser evidenciada, pois isso nos leva a acreditar que não existe a classificação de brincadeira por gênero. Não existe uma determinação sobre o que é brincadeira de menino ou de menina. Nesse desenho, repleto de uma riqueza imensurável, é perceptível a simbiose criança, brincadeira e natureza. O desenho, ao lado, foi produzido por Ana Caroline, de 11 anos.

**Figura 3.** Brincadeiras na cheia e na seca.



Foto: Ana Caroline (11 anos).

> Ana Caroline: - Eu desenhei no papel as coisas que eu mais gosto de brincar no meu interior, Paraná do Limão de Baixo. Quando está cheio eu gosto de brincar de pular na água, de pescar, de andar de rabeta com o papai, com a mamãe e com meus irmãos, andar lá na casa dos meus vizinhos, de canoa. E, na seca, eu gosto de estar brincando no terreiro, brincando de balanço com meu irmão, andar de cavalo, brincar de bola e prender o gado com meu avô, molhar as plantas com meus pais. Tudo isso é uma coisa que eu mais gosto de brincar lá minha região (Entrevista, 2019).[6]

Nota-se, nesse desenho, a riqueza de detalhes que representa as brincadeiras de Ana Caroline na sua comunidade, como ela denomina "meu interior, Paraná do Limão de Baixo". O sentimento de pertencimento e de apropriação dos diferentes espaços para o brincar é marcante. Em sua narrativa, ela diferencia as brincadeiras conforme o período de cheia e de seca, como se houvesse uma linha invisível de separação que determinasse o tipo de brincadeira para a época de cheia e de seca.

Percebemos que as brincadeiras se misturam com os afazeres ou tarefas diárias que são executadas juntamente com os familiares, como, por exemplo, molhar as plantas. As plantações de hortaliças constituem uma das atividades de agricultura familiar característica dessa comunidade. Notam-se, no desenho, os canteiros na parte inferior à direita, os quais ficam suspensos por causa da subida das águas. Os vegetais são cultivados o ano inteiro para serem comercializados na cidade de Parintins e para o consumo da família. Na visão de Soares (2005, p. 5-6), a:

> [...] interpretação e compreensão das narrativas e representações sociais das crianças não podem ser feitas de uma forma impressionista e meramente descritiva, mas deverão

[6] Entrevista de pesquisa concedida em 20 de março de 2019, na comunidade localizada em Paraná do Limão de Baixo, em Parintins, AM.

> sempre considerar que as crianças estão inseridas em estruturais sociais que as influenciam e que são influenciadas também por elas.

É fato que as condições de vida e de subsistência das crianças são representadas em seus desenhos e brincadeiras. Em um estudo com crianças de comunidade ribeirinha sobre as percepções ambientais da cheia e seca na região amazônica, Bentes e Dutra (2018, p. 5) apontaram que:

> [...] entre as brincadeiras prediletas na época da cheia estão: brincar de pular da ponte, pular da árvore, manja pega, quem nada mais longe, quem aguenta mais em baixo d'água e assim como a pescaria faz parte do caboclo amazônico, deste a tenra infância.

As crianças têm essa relação direta com os rios, e, a partir deles, estabelecem seus modos de viver a infância. Na vazante, elas realizam outras atividades, aproveitando que a terra está completamente seca, por exemplo, jogar bola e soltar papagaio[7]. Neste contexto de análise, Delgado e Muller (2005, p. 163) nos dizem que:

> As crianças criam atividades baseadas no ato de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria dos grupos infantis. A constante atividade das crianças, as apropriações de elementos do meio sociocultural de origem só confirmam o que os/as sociólogos/as da infância enfatizam, principalmente, no que diz respeito à lógica peculiar das crianças, a qual é diferente da lógica dos adultos e que caracteriza suas culturas de pares.

Conforme mencionaram as autoras, as brincadeiras infantis apresentam elementos do meio sociocultural das crianças. Esse fato se evidencia quando as crianças ribeirinhas adequam as suas brincadeiras às condições dadas pela natureza. Elas atribuem novas significações e sentidos delineados pelas mudanças do tempo ao longo do ano e as mudanças temporais vividas.

**Figura 4.** Brincadeiras próximo de casa.



Foto: Maria de Fátima (10 anos).

Outra criança investigada foi Maria de Fátima, de 10 anos, que revela suas brincadeiras por meio de seu desenho (Figura 4).

> Maria de Fátima: — Aqui no meu desenho, eu fiz que aqui é a minha casa. Aqui eu estou brincando com meu irmão de bola. Aqui são as flores que estão e são o balcão. Aqui é eu brincando de balanço e aqui é eu pulando corda (Entrevista, 2019) .

O desenho e a narrativa de Maria expressam não somente suas brincadeiras, mas também os laços familiares e a relação com a natureza presente no seu espaço de vivência da comunidade. Alguns elementos de seu desenho não foram citados em sua fala; contudo, ela não deixou de ilustrar os fenômenos naturais e a fauna e a flora, presentes em seu contexto.

[7] Em alguns lugares essa brincadeira é denominada de pipa.

Os desenhos aqui apresentados, assim como as narrativas, as vozes e expressões das crianças, revelaram as vivências e experiências delas por meio de suas brincadeiras na sua comunidade, que é o local onde interagem com a natureza e as demais pessoas.

Sarmento (2011) argumenta que os desenhos são artefatos sociais, isto é, testemunhos singulares de uma cultura que se exprime na materialidade dos produtos em que se comunica. O grafismo infantil adquire a complexidade e a densidade da sua capacidade comunicativa pelo fato de incorporar, na verdade, uma imbricada articulação de várias fontes de produção cultural, sendo, ademais, um dos pontos afirmativos da condição geracional da produção cultural.

Como artefatos sociais, os desenhos servem como testemunho da cultura infantil ribeirinha. Por meio dos desenhos e das narrativas, aquelas crianças expressam sua produção cultural, conforme descrito por Carvalho (2010, p. 34):

> A criança ribeirinha no seu ato de brincar se relaciona real e imaginariamente com o rio, a floresta, elementos permanentes na sua vida e que são fundamentais para sua ludicidade. Ao viver essa relação simbólica, a criança cria e recria sua realidade, brinca e relaciona com ela, mostrando-nos que faz parte de um mundo, onde o rio e a floresta se constituem em sua rua, seu quintal, seu parque de diversões e seu próprio ser.

As ideias aqui aludidas representam um contributo válido acerca das vivências das crianças ribeirinhas. A imaginação e as brincadeiras foram representadas por meio de seus desenhos e narrativas. A relação com a natureza e com as mudanças dinâmicas de subida e descida das águas povoam a imaginação infantil. Elas se adaptam às mais diversas situações de seu cotidiano, e dão sentido ao brincar e viver a infância nesse espaço geográfico.

## Considerações Finais

Este estudo mostra que o social e o cultural se expressam nas formas de vida das crianças ribeirinhas da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, no Paraná do Limão de Baixo, por meio de suas brincadeiras. Conforme evidenciamos anteriormente, as brincadeiras são atividades que fazem parte da vida das crianças e são fruto de sua ação imaginativa e criadora. Neste estudo, essas crianças revelaram nos desenhos não somente suas brincadeiras preferidas, mas também as relações que estabeleciam com seus colegas, vizinhos e familiares, que são mediadas pela Floresta Amazônica.

Pescar, andar de rabeta e canoa, brincar de manja e de pular no rio, durante a época da cheia; brincar de futebol, de bola, de balanço na árvore, pular corda, brincar com animais e montar a cavalo são algumas das atividades relatadas pelas crianças.

A infância, nessa parte do Amazonas, é rica; as crianças misturam o brincar com as tarefas diárias. Na verdade, tudo se relaciona. Suas vivências e experiências na comunidade e sua relação com a cultura são reflexo de sua identidade. Viver a infância no Amazonas é uma realidade singular e significativa.

## Referências

BARROS, R. A. V. **O futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

BENTES, A. S.; DUTRA, G. K. **P**ercepção ambiental de crianças ribeirinhas sobre a seca e a cheia amazônica na zona rural do município de Parintins-AM. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA, 5., 2018, Manaus. **Anais.** Manaus: EDUA, 2018.

CARVALHO, N. C. Saberes do cotidiano da criança ribeirinha. **Revista Cocar**, v. 4, n. 8, p. 33-38, 2010.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

DUTRA, M. A. **Entre o grafismo e oralidade**: uma interpretação do imaginário da criança ribeirinha amazônica. Manaus: UFAM/ICHL, 2013.

EGAN, K. Por que imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, C.; CABRAL, G. S. **Infância**: imaginação e educação em debate. Campinas: Papirus, 2007.

FRAXE, T. de J. P. (org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

GIRARDELLO, G. Horizontes da autoria infantil: as narrativas das crianças na educação e na cultura. **Boitatá**, n. 20, p. 14-27, jul.-dez. 2015.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 75-92, maio/ago. 2011.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisas**, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LEAL, G. K. S. **A criança ribeirinha e sua relação com a ciências nos espaços não formais de Parintins-AM**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2019.

LEAL, G. K. S. **O ensino de ciências e as relações entre escola e espaços não formais**: um estudo com crianças ribeirinhas. 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

SARMENTO, M. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. (org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, N. F. **Infância e direitos**: participação das crianças nos contextos de vida - representações, práticas e poderes. 2005. 491 f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Braga, Portugal.

VYGOTSKY, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, jun. 2008.